

CENTLIVRES, PIERRE; FABRE, DANIEL; ZONABEND, FRANÇOISE (Coordenadores), *La Fabrique des Héros*, Paris, Mission du Patrimoine Ethnologique, Collection Ethologie de la France – Cahier 12, 1998, 318 pp.

Pode-se ainda falar de Heróis na nossas sociedades modernas? Dos heróis nacionais que sustentaram a emergência da nação moderna desde o fim do século XVIII e do culto de heróis nacionalistas na Europa Ocidental, assim como do culto de Heróis comunistas na Europa de Leste, o que nos ficou?: a reconsideração nacionalista; as estrelas mediático-publicitárias ou simplesmente a banalização irónica pela individualização do herói enquanto duplo, qual *homem sem qualidades*. *A Fábrica de Heróis*, título interessante à vez pela sua colagem temporal e pelo carácter processual e construído com o qual convoca a heroicidade, reúne, assim, um conjunto de textos derivados de uma investigação que decorreu entre 1994 e 1996 e que congregou diversos investigadores europeus entre os quais dois portugueses, Moisés Martins e Luís Cunha, ambos do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Falar de *A Fábrica dos Heróis* é falar, antes de mais, de mais um excelente contributo antropológico por parte da Mission du Patrimoine Ethnologique que, sob a tutela do Ministério da Cultura francês, nos tem brindado nos seus **CAHIERS – Collection Ethnologie de la France** com obras fundamentais para uma antropologia do mundo contemporâneo. Seria, sem dúvida, de imensa utilidade para a antropologia e para as ciências sociais como um todo, em Portugal, que tal exemplo pudesse encontrar eco também aqui. Vejam-se alguns dos títulos incontornáveis desta colecção: *Sociétés Industrielles et Urbaines Contemporaine* (1985); *Cultures du Travail. Identités et Savoirs Industriels dans la France Contemporaine* (1989); *Vers une Ethnologie du Present* (1992); *Paysage au Pluriel. Pour une Approche Ethnologique des Paysages* (1995); *L'Europe entre Cultures et Nations* (1996). A Antropologia tem um forte papel a desempenhar nos contextos contemporâneos e é nesses contextos que se encontra o desafio para aqueles que o sabem ver, não só da Antropologia que nas Universidades se aprende como também da Antropologia que fora da Academia se faz. Os temas tradicionais em Antropologia, como o dos heróis sagrados e laicos de uma cultura, devem ser reconsiderados para a nossa sociedade contemporânea e é esse desafio que Antropologias de outros países já compreenderam há algum tempo e

que em Portugal faz um caminho lento e penoso. Ocupemo-nos, então, dos que indicam caminhos e que arriscam abrir as novas auto-estradas antropológicas.

Os heróis atravessam as diversas antropologias desde o seu início, da religião, política, económica, da educação... E são esses mesmos heróis que podem ser o lugar de compreensão de todo um património ideológico e de acção na nossa sociedade contemporânea. *A Fábrica dos Heróis* apresenta-nos uma panóplia de análises sobre heróis da Europa (de Portugal, Espanha, França, Finlândia, Irlanda, Albânia, Rússia, etc.) e dos Estados Unidos em quatro grandes partes: Heróis e Nações; Atributos e Paradoxos; O Tempo dos Heróis: Emergências e Declínios e Oficina de Heróis. A filosofia que norteia a obra é a de uma compreensão antropossociológica do lugar dos heróis na cultura moderna e na sua transição para uma modernidade tardia. Para melhor se compreender tal propósito reproduz-se aqui as questões expostas por Claudie Voisenat no prefácio e que esta obra aborda:

- A própria definição de heróis nacionais nas suas ligações às “glórias nacionais”, os “heróis populares”, os personagens emblemáticos de uma identidade nacional (o camponês, o viking, o soldado-trabalhador...) ou os grupos heroicizados (cidades rebeldes ou mártires...);
- A fabricação do herói nacional enquanto elemento que não é nunca dado pela História mas sim construído, ao mesmo tempo social e culturalmente, podendo a sua figura variar segundo os períodos históricos e os contextos políticos;
- A popularização do herói nacional que surge como que presa entre as formas populares de celebração (sempre possíveis de escapar ao controlo das instituições) e a imposição pelo topo (segundo um modelo mais “propagandista”) de um culto sem suporte popular;
- A ligação entre o político e a religião, muito perceptível na Europa, onde o Cristianismo contribuiu largamente para a legitimação dos poderes políticos e onde o herói nacional, que é para além disso por vezes um santo, pode reencontrar-se no seio de uma religião de Estado. Em qualquer geografia, de qualquer forma, se coloca a questão da relação unificadora de heroicidade e sacralidade, imagem laica e representação religiosa da comunidade nacional;

- Os paradoxos dos heróis, o seu declínio em parte, constitui o quinto e último ponto das nossas jornadas de reflexão. Do herói do avesso (cujo processo de produção falhou) ou decaído aos heróis potenciais ou em “lista de espera” (os quais podem ser “reactivados” no quadro de novas leituras históricas) até aos heróis controversos, os participantes tentaram todos estes fenómenos (polémicas, reconsiderações, ironias...) que se situam na margem dos processo de heroicização e que são, provavelmente, a sua necessária contraparte.

É em função destes propósitos que se atravessa os tempos culturais: de Napoleão a Franco, Salazar e Mussolini; de Fátima a Madre Teresa de Calcutá; de todos estes aos heróis anónimos e da sombra... E atravessa-se ainda os diferentes espaços culturais: do local ao regional, nacional e transnacional; da escola aos meios de comunicação de massas... É, assim, uma obra importantíssima em que mais de uma dezena de Antropólogos em dezasseis textos questionam o lugar do herói, lugar dúbio, polémico, congregador de paixões opostas, mas sempre actual enquanto modelo, mesmo como anti-modelo ou ainda como ironia modeladora.

PAULO CASTRO SEIXAS